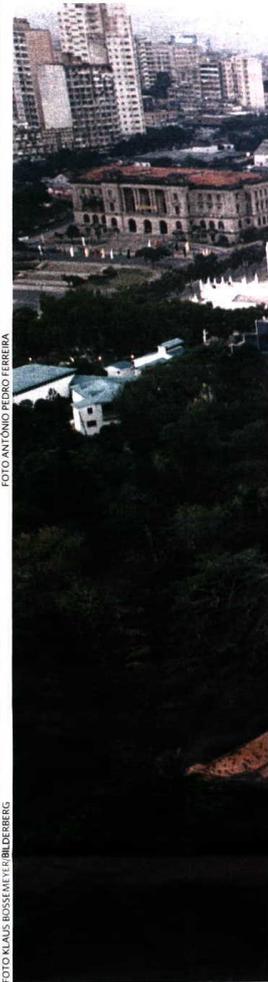
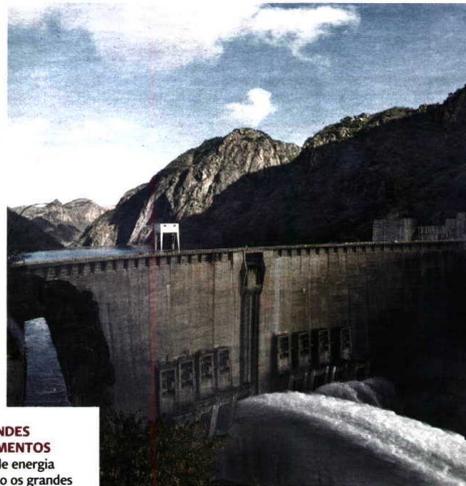


JANELAS PARA O MUNDO



GRANDES INVESTIMENTOS
As áreas de energia e minérios são os grandes motores do crescimento da economia moçambicana e estão a abrir portas para negócios em áreas como as infraestruturas ou o turismo



MOÇAMBIQUE

Uma terra de oportunidades. Sem facilidades

Investimento O ritmo acelerado de crescimento da economia moçambicana colocou o país na rota da internacionalização de empresas portuguesas. Entre 2012 e 2015, o FMI estima que Moçambique seja a economia com o quarto maior crescimento mundial do PIB. Reservas de carvão e gás natural acentuam necessidade de grandes investimentos e abrem portas a oportunidades de negócios. Mas é preciso pensar a médio prazo

Textos **ADRIANO NOBRE**

A frase repete-se invariavelmente em todas as conversas com empresários ou gestores, sejam eles portugueses ou moçambicanos. "Moçambique é uma terra de oportunidades", dizem, evocando o futuro risonho que todos os indicadores económicos antecipam para aquele país.

Por "terra de oportunidades" entende-se, claro, "palco privilegiado para novos negócios". A conjuntura de acelerado crescimento da economia moçambicana leva mesmo o presidente da administração do Millennium bim (o banco que o BCP tem em Moçambique), e ex-primeiro-ministro deste país, Mário Machungo, a admitir que existe hoje um "ambiente de euforia". Mas os operadores que já estão por dentro da realidade moçambicana lançam o alerta para os empresários que ponderam entrar no país: que ninguém embarque numa aventura com a ideia de que é fácil ali chegar, ver e vencer. As oportunidades existem, sim, mas não rimam com facilidades.

O contexto de euforia que colocou Moçambique na rota do tecido empresarial português é traduzível ou explicável com recurso a números. Alguns exemplos: a taxa média de crescimento do produto interno bruto (PIB) moçambicano na última década foi de 7% e as previsões mais recentes do Fundo Monetário Internacional (FMI) apontam para um crescimento superior a 8% entre 2012 e 2015. Neste período, de resto, o FMI estima que Moçambique seja o quarto país com maior crescimento a nível mundial, só atrás da China (9,5%), Índia (8,2%) e Etiópia (8,1%).

Como sublinhou o presidente-executivo do Millennium bim, Manuel Marescos Duarte, na conferência Janelas para o

MOÇAMBIQUE

Presidente da República: **ARMANDO EMÍLIO GUEBUZA**



Previsões para 2012

Capital	Maputo
Total da População	24,5 milhões
População em Maputo	1,9 milhões
PIB	€11,2 mil milhões
Varição do PIB em relação a 2011	+7,2%
Inflação média	7,2%
Taxa de juro ativa média	18,5%
Taxa de desemprego	27%
Câmbio (Euro/Meticais)	35,18

FONTES: EIU, OMC, FMI, OCDE

Mundo (ver página 24), é preciso não esquecer que o PIB moçambicano ronda os 15 mil milhões de dólares, ou seja, cerca de 1/12 do PIB português.

O indiscutível potencial de crescimento moçambicano foi exponenciado nos últimos anos pelos recursos minerais do país, nomeadamente devido às enormes reservas de carvão e gás natural, recentemente descobertas.

"Temos passado uma mensagem de abertura total a parceiros internacionais para ajudarem ao desenvolvimento do país. Os recursos minerais fazem esse apelo ser ainda maior, porque estamos a falar de uma economia que dá confiança: é expectável, e desejável, que dentro de cinco ou seis anos tenhamos um crescimento a dois dígitos", sustenta Mário Machungo.

Um país de desequilíbrios

O último relatório sobre Moçambique produzido pela Economist Intelligence Unit sublinha, no entanto, que "o excepcional desempenho económico de Moçambique" nos últimos anos "fracassou no objetivo de beneficiar os pobres — um problema que será exacerbado pela



FOTO: ERIC MARTINEGARO

explosão do potencial mineiro do país”.

Um fator de preocupação proporcional à taxa de pobreza que ainda subsiste em Moçambique: apesar dos assinaláveis progressos realizados desde a década de 1990, o país tem ainda cerca de 40% da sua população a viver abaixo do limiar da pobreza. A isto acresce uma taxa de desemprego muito elevada — que a OCDE estima ser na ordem dos 27% — num país em que 45% da população tem menos de 15 anos.

O representante da AICEP — Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, em Moçambique, Fernando Carvalho, cita casos como os de Angola ou da Nigéria como exemplos a não repetir. “Os recursos de gás natural e de carvão aumentam o risco de acentuar o desequilíbrio entre ricos e pobres. O Estado tem de ter vontade e capacidade para fazer a distribuição de rendimentos. Mas o processo parece estar bem encaminhado”, defende.

Na base dessa convicção está o facto de Moçambique ser “um país muito escrutinado pela comunidade externa”. Um facto que resulta da enorme dependência moçambicana de ajuda financeira internacional: em 2011, 44,6% do orçamento do país foi financiado pelo G-19, o grupo de países e instituições que apoiam financeiramente Moçambique, com particular destaque para a União Europeia e para o Banco Mundial. “Osadores têm por isso uma presença muito grande no escrutínio do poder e em áreas como a corrupção”, sintetiza Fernando Carvalho.

As necessidades económicas

A manutenção dos apoios internacionais é, de resto, um dos sintomas mais evidentes da crença dos investidores no potencial de crescimento do país. Após duas décadas de guerra e instabilidade, Moçambique conseguiu construir nos últimos anos um perfil de estabilidade política e social que lhe con-

ferre uma apreciável sustentabilidade.

As políticas governamentais de fomento e captação de investimento internacional também ajudam: benefícios fiscais como a isenção de pagamento de imposto nos primeiros anos de atividade no país são exemplo disso. A desburocratização do país é outra base do sucesso. Mas há alguns grãos que empernam a engrenagem, como a inflação ainda elevada, as questões cambiais que limitam a entrada e saída de divisa ou taxas de juro de referência que se situam nos dois dígitos.

O leque de necessidades prioritárias do país é extenso. Mas dentro das necessidades económicas, a elite moçambicana elege a área de infraestruturas — nomeadamente as estradas, ferrovia e portos — e de logística como alvo essencial. “O país precisa de grande esforço financeiro nas infraestruturas”, enfatiza Mário Machungo. Por motivos básicos como a circulação da população, o encurtar de distâncias no país ou a viabilização do rápido escoamento de minérios mas também por fatores como a necessidade de “baixar custos” em áreas como a agricultura. “É impossível falar de agricultura com acessos tão difíceis”, defende Machungo.

É neste processo que se abrem portas a um amplo universo de possibilidades de negócio. Não apenas para as empresas portuguesas que possam participar nos grandes projetos e investimentos moçambicanos mas também para as pequenas e médias empresas que consigam aproveitar oportunidades “num segundo nível” económico.

Turismo, restauração, serviços, logística, agricultura, tecnologias da informação e comunicação, educação ou formação profissional são, aí, as áreas mais referidas entre as necessidades prementes de um país que procura parceiros para arregaçar as mangas e agarrar o futuro brilhante que todos lhe auguram.

abnobre@expresso.impresa.pt

Portugueses ‘invadem’ Moçambique em busca de negócios

Consulado português em Moçambique recebe uma média de 149 inscrições por mês. Voos da TAP cheios já prejudicam o turismo

Moçambique está a registar uma crescente vaga de emigração portuguesa. A comunidade portuguesa no país ascende a perto de 25 mil cidadãos — a esmagadora maioria em Maputo — e a tendência é para aumentar. Só o consulado português está a receber uma média de 149 novas inscrições por mês, o que permite concluir que a média de chegada de portugueses àquele país em busca de novas oportunidades profissionais ou de negócio será na ordem das largas centenas por mês. Isto porque há muitos emigrantes que não se inscrevem no consulado.

Gonçalo Teles Gomes, cônsul de Portugal em Moçambique, diz que este fenómeno é consequência do facto de Portugal ter sido “o maior investidor na economia moçambicana no primeiro semestre do ano” e caracterizada esta vaga como sendo maioritariamente constituída “pela geração Erasmus” portuguesa. “É gente muito qualificada e há um número apreciável de famílias”,

resume. Uma das consequências diretas desta vaga, conta, é o facto de a escola portuguesa de Moçambique estar neste momento “sob enorme pressão” devido aos novos pedidos de inscrição.

“A maior parte são casos de sucesso”, diz, embora admita que “também há muita gente que vem apenas por 30 ou 60 dias à procura de oportunidades de negócio”. “Os voos da TAP estão sempre cheios e isso até já está a prejudicar o turismo”, revela Teles Gomes. Ainda assim, o cônsul português alerta para a necessidade de “evitar aventureirismos” e pensar sempre no investimento profissional em Moçambique “numa perspetiva de médio ou longo prazo”.

O representante da AICEP em Moçambique, Fernando Carvalho — que diz estar a receber “em média duas ou três empresas portuguesas por dia”, em busca de informação sobre oportunidades em Moçambique — reitera a necessidade de não pensar no investimento neste país apenas no curto prazo. E alerta mesmo para o erro de olhar para Moçambique como a salvação de empresas em dificuldades em Portugal, devido à crise económica. “Esta é a altura certa para entrar em Moçambique. Mas empresas que estejam com dificuldades de tesouraria em Portugal podem ter dificuldades. Uma pessoa que queira abrir escritório e arranjar alojamento terá de pensar em custos na ordem dos 7 mil dólares mensais, no mínimo”, exemplifica.

A boa estruturação dos projetos que sustentam a tentativa de internacionalização para Moçambique é, aliás, um dos requisitos enaltecidos pelo presidente-executivo do Millennium bim, Ma-

nuel Marecos Duarte, como “fundamental” para o sucesso das apostas. “A internacionalização de empresas portuguesas é uma prioridade para o BCP, mas o desenvolvimento dos projetos tem de ser feito com muito rigor e pés assentes no chão”.

Até porque, como diz Fernando Carvalho, os portugueses “têm uma responsabilidade acrescida” nos investimentos em Moçambique. “Os moçambicanos não nos tratam como estrangeiros. Não diria que nos tratam como irmãos, mas sim como primos. Por isso têm essa responsabilidade adicional nos negócios em Moçambique”.

O EXPRESSO OFERECE-LHE HOJE UM GUIA DE NEGÓCIOS E INVESTIMENTO EM MOÇAMBIQUE COM ANÁLISE APROFUNDADA A QUESTÃO LEGAL E FISCAIS NO PAÍS



JANELAS PARA O MUNDO



uma iniciativa

Expresso

Millennium
bcp



Pedro Couto, Manuel Marescos Duarte, Mário Machungo, Nuno Sousa, Carlos Oliveira e Martim Avillez Figueiredo na conferência Janelas para o Mundo

Um país de braços abertos para as parcerias

Moçambique estuda parcerias público-privadas para os grandes investimentos em infraestruturas. Portugueses são bem-vindos se contribuírem para o desenvolvimento

Numa plateia repleta de empresários e gestores portugueses, o tema gerou natural burburinho durante a primeira conferência da iniciativa Janelas para o Mundo, organizada em Maputo pelo Expresso e pelo Millennium bcp. "Precisamos de um grande esforço financeiro para as infraestruturas de que o país necessita. Os caminhos de ferro e as estradas precisam de ser muito melhorados. Mas para isso precisamos de todo o apoio e investimento. Não sei até que ponto o modelo português de parcerias público-privadas (PPP) pode ser replicado em Moçambique, mas temos de analisar caso a caso", sugeriu o presidente da administração do Millennium bcp, Mário Machungo. Apesar de alguns sorrisos e das alusões subliminárias à situação explosiva que as PPP geraram nas contas públicas portuguesas, Machungo usou a sua experiência como antigo primeiro-ministro de Moçambique para aprofundar o seu ponto de vista sobre o assunto. "Os governos têm de encontrar um modelo, estudá-lo e aplicá-lo. Não há modelos perfectos: uma PPP que sirva num contexto pode não servir noutro. Há muitas variáveis,

Mas temos de aplicar as políticas às circunstâncias. E depois pode sempre corrigir-se o que for necessário", defendeu. A teoria surgiu na sequência do debate sobre a "abertura total" do Governo moçambicano para acolher no país todas as empresas que possam contribuir para o desenvolvimento económico de Moçambique. "A entrada de multinacionais constitui um fator de pressão para que o próprio sector público continue a melhorar a sua prestação de serviços", exemplificou Machungo.

Para agilizar estes processos, o regime moçambicano tem colocado uma das tónicas da sua atuação na desburocratização do país. "Tem sido feito um grande esforço nos processos legais para que as empresas se estabeleçam em Moçambique. Antes, a criação de uma empresa demorava quatro a cinco meses. Hoje pode demorar 15 dias", diz Pedro Couto, sócio da sociedade de advogados Cuatrecasas, garantindo que "é incomparavelmente mais fácil e mais seguro" iniciar hoje atividade em Moçambique do que há 10 anos.

A própria questão das PPP já não está, segundo Pedro Couto, apenas no plano do debate. "Já existe legislação e regulamentação para as PPP. Obrigam a uma participação nacional, quer do Estado quer dos privados, e também a colocação de parte do capital em bolsa, para fomentar o mercado de capitais."

Em pano de fundo de todo este debate esteve ainda a convicção unânime sobre a necessidade de juntar à estabilidade política e ao potencial económico a criação de uma classe média "essencial para a estabilidade moçambicana". Nesse contexto, o investimento em áreas como a formação profissional — a carência de mão de obra qualificada é apontada como um dos grandes problemas do país — ou a necessidade de pensar que o investimento em Moçambique extravasa o território de Maputo são também condicionantes fundamentais. "O desenvolvimento de Moçambique está a alargar-se e as empresas têm de ter presença regional. Isso implica recursos físicos, humanos, métodos e formas de controlo. A extensão territorial é um desafio enorme", defendeu o administrador do grupo Entrepasto, Nuno Sousa.

ADRIANO NOBRE
anobre@expresso.impresas.pt



"As pequenas e médias empresas de Portugal não podem vir para Moçambique só porque não estão a fazer negócio no seu país. Devem vir para contribuir para o desenvolvimento e para a integração"

MÁRIO MACHUNGO
Presidente do conselho de administração da comissão executiva do Millennium bcp



"É um país de grandes oportunidades. Mas quem vem não pode vir por aventureirismo e tem de questionar-se sobre aquilo com que pode contribuir"

NUNO AMADO
Presidente da comissão executiva do Millennium bcp



"Tem sido feito um grande esforço nos processos legais para que as empresas se estabeleçam no país. Hoje é incomparavelmente mais fácil e seguro iniciar atividade em Moçambique do que há 10 anos"

PEDRO COUTO
Sócio da Cuatrecasas, Gonçalves Pereira



"O desenvolvimento de Moçambique está a alargar-se e as empresas têm de ter presença regional. Isto implica recursos físicos, humanos, métodos e formas de controlo. A extensão territorial é um desafio enorme"

NUNO SOUSA
Administrador do Grupo Entrepasto



MOÇAMBIQUE DE BRAÇOS ABERTOS

A economia moçambicana cresceu a um ritmo de 7%, nos últimos anos, e vai acentuar a tendência até 2015. E há um mar de oportunidades num país que está de braços abertos para parcerias que ajudem ao seu desenvolvimento **E22**